

A OBRA DE HUMBOLDT E SUA PROVÁVEL INFLUÊNCIA SOBRE A ANTROPOLOGIA DE FRANZ BOAS

Vicente Eudes Lemos Alves*

RESUMO:

O texto analisa a trajetória de Alexander von Humboldt com o intuito de investigar as contribuições da Geografia na formação do pensamento antropológico no século XIX. Busca-se focar, por um lado, as temáticas abordadas por Humboldt e por Franz Boas em seus universos de estudo. Por outro lado, mais detidamente, procura-se apontar as possíveis influências das formulações teóricas e dos procedimentos metodológicos de Humboldt nos trabalhos antropológicos de Boas.

PALAVRAS-CHAVE:

pensamento geográfico, Alexander von Humboldt, Franz Boas, trabalho de campo.

ABSTRACT:

This text analyzes Alexander von Humboldt's trajectory with the intention of investigate the contributions of Geography referring to the formation of the anthropologist thinking during the nineteenth century. The intentions are to focus on one hand to the thematic approached by Humboldt and Franz Boas in their studies universes. On the other hand more detainedly, possible influences for those theoretical formulations as well as Humboldt's methodological procedures in Boas's anthropological works are tried to be pointed out.

nt of São Paulo.

KEY WORDS:

geographical thinking, Alexander von Humboldt, Franz Boas, field work.

I- Introdução

Poucas ciências sociais possuem tantas aproximações em seus universos de estudos quanto a Geografia e a Antropologia. Segundo CAPEL (1987:23), "*com nenhuma outra ciência – exceto a História – houve tantos contactos como nos momentos iniciais do desenvolvimento destas disciplinas*".

Apesar de hoje serem classificadas como ciências humanas, elas ainda mantêm fortes ligações com as ciências naturais; inclusive em determinados momentos da história das mesmas desenvolveram estudos partindo de perspectivas das ciências naturais. Além disso, a geografia e a antropologia, dentre outros pontos, apoiaram-se amplamente no uso das

monografias e dos trabalhos de campo, da classificação, da comparação e da utilização sistemática da indução. Nas palavras de CAPEL (op.cit.:24), "*a ênfase na importância do 'método comparativo', são outros tantos traços que também têm aparentado durante muito tempo a estas disciplinas. Por último uma certa semelhança no processo de institucionalização e umas estreitas relações na fase inicial do desenvolvimento, são outros traços comuns também dignos de assinalar*".

Os contatos da Geografia com a Antropologia tornam-se mais estreitos a partir do final do século XIX, quando várias obras da Geografia Humana passam a contemplar temáticas também discutidas pela Antropologia,

tais como: questões relativas às raças, às civilizações, às culturas, às técnicas de cultivos, aos grupos rurais, aos modos de vida, etc.

A ligação entre as duas disciplinas consolidou-se definitivamente com Franz Boas, antropólogo que teve em sua formação inicial fortes influências da Física, da Matemática e da Geografia. Esta última, aliás, considerada pelo próprio Boas, na fase primeira do seu trabalho acadêmico, como o principal campo de estudo (STOCKING,1982).

Na Geografia, Boas foi influenciado pelo pensamento dos principais geógrafos do século XIX, sobretudo os da Alemanha, alguns deles, inclusive, sendo seus mestres, tais como Teobald Fischer (seguidor da linha de pensamento ritteriana) e Friedrich Ratzel. Deste último, tido também como um dos fundadores da etnologia, Boas chegou a herdar, inicialmente, algumas de suas concepções deterministas, abandonadas logo depois quando realizou seu primeiro trabalho de campo junto aos esquimós, em Baffin-land, no Canadá.

Além desses dois geógrafos, com os quais Boas conviveu diretamente, também recebeu fortes influências de dois outros: Alexander von Humboldt e Karl Ritter - pensadores que dão o impulso inicial no trabalho de sistematização da ciência geográfica. Foram eles a delinear um perfil na acepção moderna dessa disciplina; a elaborarem as primeiras tentativas de lhe definir o objeto; a realizarem as primeiras padronizações conceituais (MORAES,1983:43).

Dos geógrafos que tiveram, direta ou indiretamente, influência na formação de Franz Boas, nos deteremos, nesse texto, a determinadas características da trajetória de pensamento de Alexander von Humboldt, na tentativa de verificar quais contribuições esse autor deixou como herança ao trabalho científico de Boas. Antes, porém, de apresentarmos algumas das discussões temáticas que aproximaram os dois pensadores, faremos um breve esboço de quem foi Alexander von Humboldt e a sua importância para a Geografia.

Estamos cientes, entretanto, que o nosso objetivo aqui não é, de maneira alguma, rastrear todo a obra desse autor, nem tampouco aprofundar nos meandros de seu pensamento; isso já aparece, brilhantemente, em outros estudos sobre o autor, alguns dos quais servirão de fontes para a elaboração desse texto. Pretende-se aqui, apenas, indicar aquelas características da vida e da obra desse pensador que possibilitem apontar suas influências na formação do pensamento antropológico, particularmente daquele que é considerado um dos pais dessa ciência, qual seja, Franz Boas.

II- Humboldt: Uma vida e uma obra rica em matizes

Alexander von Humboldt nasceu em 14 de setembro de 1769, na cidade de Berlim, no reino da Prússia. Originário de uma família aristocrática daquele reino, sua formação na infância foi rigorosa, tendo como seu primeiro tutor um ilustre pedagogo, J.H. Campe, que chegou a ser ministro da educação da Prússia. Era um adepto das concepções pedagógicas de Rousseau, como por exemplo, da idéia de observação direta da natureza e de excursões como a melhor forma de desenvolver o aprendizado. Tais concepções foram introduzidas na formação de Humboldt e, provavelmente, foi a partir daí que nasceu seu grande interesse pela Botânica e um espírito aventureiro que o levaram a desenvolver grandes viagens a lugares longínquos daqueles de sua terra de origem.

Isso pode ser percebido na seguinte carta que escreve, já na idade adulta, a um amigo: "*Tinha eu nos primeiros anos um desejo ardente de ir a países, a regiões pouco visitadas pelos europeus; e esse impulso é o que caracteriza o período de minha vida, em que víamos um horizonte sem limites, e que como nenhum outro desejo despertava nossa fantasia, assim como suas paisagens ainda por mim desconhecidas me evocam perigos físicos que produzem as grandes emoções da alma.*"¹

A formação universitária de Humboldt ocorreu, primeiramente, em Frankfurt-om-oder, onde em 1787 começa a frequentar o curso de economia política, o qual não chegou a concluir. Posteriormente, em 1789, transferiu-se para a Universidade de Gottingen, onde passa a estudar ciências naturais. Ali, Humboldt conhece vários estudiosos importantes de distintos campos do conhecimento que influenciaram decisivamente a sua vida, tais como: Blumentbach, Heyne, Foster, Goethe, entre outros.

Com Blumentbach, notável fisiologista e antropólogo, Humboldt assiste suas primeiras aulas de história natural, e foi com esse professor que começou a participar de excursões para estudar Botânica e Geologia. Também foi aluno de Heyne, com o qual tem seu interesse despertado para a Arqueologia e a Etnografia. Do contato com G. Foster (o filho) renasceu o espírito para as viagens, visto que Foster foi um grande pesquisador de campo, realizando várias excursões pela Alemanha e por outros lugares do mundo. Em companhia de seu pai (J.R.Foster), por exemplo, participou da segunda expedição do célebre capitão Cook ao Pacífico. Provavelmente tenha sido dos Foster que Humboldt herdou a metodologia do trabalho de campo, já que estes pesquisadores trouxeram várias inovações a esta área. Há evidências também de que G. Foster influenciou o pensamento político de Humboldt, pois aquele possuía uma postura bastante progressista no cenário político alemão (MORAES,op.cit:129). O mesmo ocorreu em relação a Goethe, um pensador progressista e simpatizante da revolução francesa, com quem Humboldt herda, ainda, a questão da valorização da estética, enquanto campo filosófico que trabalha com a intuição, fazendo a mediação entre sujeito-objeto. Sobre essa questão diz HUMBOLDT (1848a:76): "A ciência é o espírito aplicado a natureza, mas o mundo exterior só passa a existir para nós no momento em que, pela via da intuição se reflete no nosso interior."

A influência de Goethe chegou a ser assumida explicitamente por Humboldt, como

fica claro numa carta em 14 de maio de 1806, a Karoline von Wolzogen, na qual destaca que "o sentimento da grande influência da sociedade de Jena persegue-me por todas as partes, já que as idéias de Goethe a respeito da natureza e, por assim dizer, dotaram-me de novos órgãos" (HUMBOLDT,1980d:162). Além dos já citados, Humboldt sofreu fortes influências também de outros grandes pensadores de sua época, como Schelling, Hegel e Herder. Todos eles adeptos do idealismo alemão pós-kantiano do final do século XVIII, que apesar de suas divergências possuíam como característica comum à exaltação da arte, esta como uma manifestação da atividade humana, capaz de fazer a ponte entre o homem e o mundo exterior. Característica que também esteve presente nos escritos de Humboldt, na medida em que sua principal preocupação, quando observava a natureza, era com a estética.

Tal atitude é percebida em vários momentos de sua obra, principalmente quando descreve os elementos da paisagem, interpretando-os de uma maneira extremamente poética. Em sua contemplação da paisagem das ilhas canárias, ele diz: "Se fosse permitido, abandonar-me as recordações das longas viagens, entre os prazeres que apresentam as cenas da natureza assinalaria a calma e a majestade dessas noites tropicais em que as estrelas, privadas de fúria lançam uma doce luz planetária sobre a superfície brandamente agitada do oceano. Recordaria esses profundos vales das cordilheiras, onde os esbeltos troncos das palmeiras agitam suas cabeças empenachadas, atravessam as abóbodas vegetais e formam em largas sustentações, 'um bosque sobre bosque', descreveria o vértice do pico de Tenerife, no momento em que uma camada horizontal de nuvens deslumbrante de brancura, separa o cone de cinzas da planície inferior e, subitamente, por efeito de uma corrente ascendente, deixa que desde a borda da cratera pôde a vista dominar as vinhas de Orotava, os jardins de laranjas e os grupos esparsos dos pântanos do litoral. Não é certamente, repito, o doce encanto uniformemente dispensado na natureza o que nos comove já nestas cenas, é a fisionomia do solo, sua própria

configuração, a mescla das nuvens, das ilhas vizinhas e do horizonte do mar, que confundem suas formas indecisas nos valores da manhã. Tudo quanto nossos sentidos percebem vagamente, tudo quanto os pares românticos apresentam de mais horrível, pode chegar para o homem como fonte de prazeres, sua imaginação encontra todos os meios de exercer livremente um poder criador. Na vaguidade das sensações mudam as impressões com os movimentos da alma e, por uma ilusão tão doce como fácil, acreditamos receber do mundo exterior o que nós mesmos sem sabermos temos depositado nele." (HUMBOLDT, 1848a:43). Desse modo, podemos enquadrar o pensamento de Humboldt dentro do movimento idealista romântico alemão, recebendo influências, sobretudo, das concepções idealistas de Schelling, como da idéia de que os fenômenos da natureza convivem em perfeita harmonia, mas também do romantismo de Goethe.

Outro ponto que aproxima Humboldt a essa corrente filosófica diz respeito a seus posicionamentos políticos, sociais e religiosos. Por exemplo, na questão religiosa, apesar de não descartar a idéia de existência de um criador, Humboldt se coloca contra uma visão dogmática cristã, sobretudo a defendida pela Igreja Católica. Sobre essa questão escreveu certa vez que: *"um dogma cristão filosoficamente estabelecido é para mim de todos os corséis o mais opressivo."* E continua, *"As idéias dogmáticas de outros tempos continuam vivendo, porém, só no preconceito do povo e em certas profissões, as quais, pela consciência de sua própria debilidade procuram envolver-se a si mesmas nas trevas."*²

Humboldt foi um grande crítico da Igreja Católica, principalmente pelo fato dela consentir com a escravização de negros e de índios no continente americano. Ao referir-se ao regime de encomendas dos índios americanos sustentados pelos conquistadores e padres espanhóis, escreveu as seguintes palavras: *"A religião, ao que por seus princípios devia favorecer a liberdade, se viu envelhecida desde que se interessou pela escravização do povo."*³

Numa passagem de sua obra "Viagem as Regiões Equatoriais do Novo Continente" sente-se indignado ao ver o tratamento que os escravos recebiam de seus senhores: *"É coisa de chorar quando penso que há ainda nas Antilhas colonos europeus capazes de marcar seus escravos com ferro quente para reconhecê-los e identificá-los quando escaparem."*

Concepções semelhantes ocorriam em relação ao racismo e ao etnocentrismo (aqui já é possível traçar um paralelo com Franz Boas cujas idéias também se assemelham nessas questões). Nesse sentido, diz HUMBOLDT (1848a:382): *"ao sustentar a unidade da espécie humana quero também rechaçar a desagradável pretensão de que existem raças superiores e inferiores. Certamente que as raças são modificáveis, e que há umas mais adequadas que outras por ter conseguido uma maior cultura mental, porém não há raças mais nobres do que outras."* E acrescenta ainda: *"A história não reconhece povos originários ou um berço fundamental da civilização."*(p.143). Ao sustentar a existência de uma unidade natural da espécie humana, Humboldt não descarta que os grupos humanos apresentem estágios de desenvolvimento distintos; contudo, isso poderia ocorrer somente ao nível da cultura.

Dentre os fatores que estão presentes no processo de evolução do homem destacam-se, segundo Humboldt, as condições naturais do espaço terrestre onde ele habita. Assim, coloca que: *"todo acidente do solo imprime um traço particular ao estado social do povo que habita";* e acrescenta: *"as configurações espaciais fazem nascer necessidades que estimulam a atividade da população."* (op.cit.:352/52, respectivamente). As concepções desse geógrafo, entretanto, ao nosso ver, não se enquadram totalmente dentro da corrente determinista, como muitos levam a crer; pelo contrário, percebe-se que estariam mais próximas de uma visão possibilista, na medida em que para ele, os fatores naturais oferecem apenas os obstáculos a ação dos seres vivos, dentre eles, o homem, mas que são capazes de se adaptar às condições adversas. Tais

concepções são claras nas seguintes citações: "Nos sítios em que a configuração do solo opõe ao homem obstáculos poderosos, a força cresce e com valor nas raças empreendedoras." (HUMBOLDT, 1952b:123). Não entendemos aqui que Humboldt esteja se referindo a raças empreendedoras apenas aquelas de lugares mais desenvolvidos, mas todos os grupos humanos que conseguem sobreviver e avançar sobre os obstáculos da natureza, independentemente do hemisfério no qual habitam.

Concorda com Faivre na tese de que: "O tigre real tem ficado o mesmo desde as ilhas de Sonda até o norte da Sibéria, os jaguares não mudam desde o equador até o grau 40 de latitude. Certos fetos e liquens parecem plantas universais, o que se conclui daqui? A resistência da espécie à variação, as influências do meio." (op.cit.:333).

Todos os estudiosos da obra de Humboldt são unânimes em afirmar que ele deixou grandes contribuições para vários campos do conhecimento científico, os quais abrangiam tanto as ciências da natureza quanto às do homem. Destacam-se, dentre outras, a Botânica, a Zoologia, a Cartografia, a Astronomia, a Paleontologia, a Arqueologia, etc. No México, por exemplo, chegou a iniciar o estudo de estatística naquele país. Segundo O. Peust: "ainda que Humboldt não tratou a matéria com investigação sistemática, emitiu conceitos cujas amplas visões não somente eram superiores a dos estadistas e economistas contemporâneos, senão que coincidem perfeitamente com a atual política agrária do México e com os dados econômicos e estatísticos que para realizá-los levantou-se."⁴

Foi para a Geografia, entretanto, que Humboldt deixou suas maiores contribuições. É a partir de seus estudos que se formulam as bases modernas da ciência geográfica, sobretudo no que diz respeito à questão metodológica. De acordo com SODRÉ (1977:33), "Humboldt foi inovador, incontestavelmente, quanto ao método (que define a ciência) de examinar os fenômenos climáticos, botânicos, geológicos na sua repartição, mas também nas

suas recíprocas relações." Complementa fundamentando na própria citação de Humboldt, para o qual é preferível "a ligação dos fatos anteriormente observados ao conhecimento dos fatos isolados, mesmo que eles sejam novos."

Humboldt também foi o primeiro a iniciar o trabalho de campo nessa nova fase da ciência geográfica. Observador rigoroso e detalhista nas suas anotações, realizou grandes expedições científicas. Suas viagens, especialmente as percorridas pela América, foram e são modelos de trabalhos científicos para várias gerações de pesquisadores de campo. É a partir das informações recolhidas durante suas viagens que Humboldt produziu sua vasta obra, destacando, sobretudo, *Cosmos*; uma espécie de síntese de todos os seus trabalhos. Essa coletânea foi produzida em cinco volumes entre 1845 e 1859 (o último volume ficou incompleto em razão de sua morte). Tal obra constitui um marco na história da Geografia.

Sobre a importância de Humboldt no desenvolvimento do trabalho de campo, J. Gottmann, comentando o início do século XIX, escreve: "os grandes geógrafos desta época são os viajantes curiosos e sábios que acumulam observações sobre os países que visitam (...). Humboldt foi o mais célebre entre eles. Esta sólida vivência de viajante naturalista poderia atraí-lo para a senda do empirismo. Entretanto, apesar do respaldo empírico de sua produção intelectual, o pensamento humboldtiano jamais estreita seu horizonte de indagação, jamais abre mão de ilações de nível bastante abstrato. Ao contrário, Humboldt critica explicitamente as pretensões exageradas do empirismo."⁵

Ainda sobre essa questão do empirismo em Humboldt, MORAES (op.cit.:138) acrescenta: "(...) A convivência entre a pesquisa empírica e a reflexão filosófica no pensamento de Humboldt é um dos elementos nodais para sua caracterização. (...) De toda forma, o empirismo rígido é absolutamente estranho às formulações de Humboldt. Apesar de sua tônica naturalista, estão aí presentes preocupações bastante abstratas respaldadas em sólida erudição filosófica."

III- A viagem de Humboldt pelo continente americano: "Freund und Forsher"

Após algumas tentativas frustradas de conhecer o Egito e a Antártica, Humboldt, juntamente com seu companheiro Aimé Boupland⁶, obtiveram permissão das autoridades metropolitanas espanholas para viajar pela América. Partiram em 5 de junho de 1799 de La Coruña rumo a esse continente, permanecendo aqui até 1804, quando regressaram novamente a Europa, desembarcando em agosto do referido ano em Bordéus.

Após saírem da Europa, a primeira escala ocorreu nas Ilhas Canárias, onde visitaram o pico Tenerife; deslocaram-se logo depois para a Venezuela, permanecendo naquele país até o final de 1800. Nesse período, viajaram pela Amazônia, percorrendo a bacia do rio Orenoco e Negro. Ainda no ano de 1800 chegaram a Cuba, onde permaneceram três meses. Retornaram novamente para a América do Sul, permanecendo aqui nos anos de 1801 e 1802, onde conheceram as Cordilheiras dos Andes, visitando a Colômbia, o Equador e o Peru. No início de 1803, desembarcaram em Acapulco permanecendo até março de 1804 no México, de onde passaram aos Estados Unidos, conhecendo a região entre a Filadélfia e Washington, para finalmente, atravessarem de volta o Atlântico.

Não foi possível a Humboldt conhecer o Brasil, pelo fato das autoridades portuguesas impedirem a sua entrada nesse território, pois acreditavam que aquele viajante era um aventureiro político que, por possuir "idéias políticas avançadas", poderia espalhá-las entre os súditos de seus domínios. Isso fica explícito na ordem de captura de Humboldt emitida por aquelas autoridades em 2 de junho de 1800, que continha os seguintes avisos a Bernardo Manuel de Vasconcelos, governador da capitania do Ceará:

"O príncipe regente nosso senhor manda comunicar a sua senhoria, que a gazeta

da colônia de 1º. de abril do presente ano, publicou que um tal barão Humboldt, natural de Berlim, viajou pelo interior da América, com o encargo de fazer algumas observações geográficas dos países que recorreu, os quais servirão para corrigir alguns defeitos dos mapas ou cartas geográficas e topográficas: tendo feito uma coleção de mil e quinhentas plantas novas, e dirigindo sua viagem pelas partes superiores da capitania do Maranhão a fim de examinar regiões desérticas e desconhecidas até agora a todos os naturalistas. Dado que em tão críticas circunstâncias e no atual estado de coisas faz-se suspeitas a viagem de tal estrangeiro que sob especiosos pretextos talvez queira conseguir, em conjunturas tão rebuscadas e atrevidas, surpreender e estimular com novas idéias e capciosos princípios os ânimos dos povos vassallos existentes nestes vastos domínios (...)." (HUMBOLDT,1980d:254).

A permanência de cinco anos na América constituiu um marco no trabalho científico de Humboldt, sobretudo para a Geografia, haja vista que seus estudos anteriores ocorreram principalmente em áreas da Física, da Química, da Botânica e da Geologia. Nesse período produziu um vasto material cartográfico das regiões por ele visitadas. Material que foi de grande utilidade para a resolução dos problemas de fronteiras entre Brasil e Venezuela, entres que o próprio Humboldt ajudou a solucioná-los, servindo de consultor. Além disso, levantou e catalogou sistematicamente os mais variados fenômenos geográficos aqui observados.

Humboldt foi um grande simpatizante da idéia de libertação das colônias americanas que permaneciam sob o domínio dos colonizadores europeus. Provavelmente suas concepções emancipacionistas tiveram grande influência sobre o seu amigo Simon Bolívar. No que se refere à questão do colonialismo Humboldt faz as seguintes colocações: "*Os progressos da ciência do mundo foram adquiridos ao preço de todas as violências de todas as crueldades que os conquistadores, ditos civilizadores trouxeram de um lado a outro da Terra.*" (HUMBOLDT,1848a:160). Em outro momento diz

que: *"prouvera deus, que em todas as partes do novo continente, se tivessem conservados os nomes dos homens que, em vez de ensangüentarem o solo com as conquistas, depositassem nele as primeiras sementes de cereais."* (HUMBOLDT, 1952:19).

Apesar de suas concepções progressistas quanto ao colonialismo e ao escravismo, dos inúmeros registros apontados a respeito dos mais variados fenômenos desse continente, poucos são os que tocam, de forma mais aprofundada, em aspectos culturais do homem americano. É possível, contudo, detectar algumas curtas passagens, nas quais ele faz referência a sistemas culturais dos Incas, e de outros povos indígenas cujos comportamentos culturais lhes chamavam a atenção.

Na sua obra "Quadros da Natureza", por exemplo, faz considerações, de maneira bastante superficial, sobre as lendas e crenças dos Incas. O que acaba sobressaindo, entretanto, na análise daquela civilização, é o seu lado crítico, na medida em que seus comentários direcionaram-se para a questão da pobreza em que viviam os Incas, após o processo de colonização hispânica. Em alguns momentos chega mesmo a lamentar os estragos feitos pelos conquistadores nas ruínas desses povos pré-colombianos, como é percebido nessa passagem: *"pouco se conservou também na cidade, hoje adornada por belas igrejas, da fortaleza e palácio de Ataulpa. A destruição acelerou-se pelo ardor imprudente com que os conquistadores avarentos removeram as paredes e alicerces de todas as habitações, a fim de desenterrarem tesouros que supunham escondidos profundamente."* (op.cit.225).

Sobre os hábitos de comer terra de alguns povos das regiões tropicais, HUMBOLDT comenta: *"(...) A terra que os Otomacos comem, é uma argila empastada e gordurosa, verdadeira argila de oleiro, que deve ao pouco de óxido de ferro a cor parda amarela. Os Otomacos vão busca-la a bancos determinados nas margens do Orenoco ou do Meta e escolhem-na com cuidado, porque nem toda espécie de argila é boa, e o paladar difere muito bem as diversas classes. Amassam esta terra em*

bolas de quatro a seis polegadas de diâmetro e cozem-na exteriormente num fogo intenso, até que se avermelhe a superfície. Antes de a comer, umedecem-na de novo. São estes índios, pela maior parte selvagens, a quem repugna toda a cultura." (op.cit:165).

Uma questão interessante em Humboldt diz respeito à importância atribuída ao fato de compreender a língua dos povos que ele estudava. Numa carta endereçada de Lima em 25 de novembro de 1802, a seu irmão Guilherme, Humboldt fazia as seguintes colocações:

"(...) Também tenho ocupado-me muito do estudo das línguas americanas, e comprovei o quanto é falso o que disse La Condamine a respeito de sua pobreza. A língua caribe é, às vezes, rica, bela, enérgica e educada. Não lhes faltavam expressões para as idéias abstratas, fala-se de posteridade, de eternidade, de existência, etc. E os signos numéricos alcançam para designar todas as combinações possíveis das cifras. Dedico-me, sobretudo, à língua inca, esta é falada comumente aqui na sociedade e é tão rica em flexões finas e variadas, que os jovens para dizer ternuras às mulheres começam a falar inca quando esgotam os recursos do castelhano. Essas duas línguas, e algumas outras igualmente ricas, bastariam para provar que a América possuiu algum dia muito maior cultura que a que encontraram os espanhóis em 1492. Porém tenho muitas outras provas. Não somente no México e no Peru, senão também na corte do rei de Bogotá (país cuja história se ignora absolutamente na Europa, pese o que a mitologia e suas fabulosas tradições são muito interessantes), os sacerdotes sabiam traçar um meridiano e observar o momento do solstício; reduziam o ano lunar a um ano solar mediante instalações e eu mesmo possuo uma pedra heptagonal, encontrada próximo de Santa Fé, que lhes servia para calcular seus dias intermediários. Porém mais ainda, até em Ereveto, no interior, os selvagens vêem que a lua está habitada por homens e sabem, pelas tradições de seus

antepassados, que sua luz vêm do sol." (HUMBOLDT:1980d:98).

Encontraremos em Franz Boas esta e outras questões, tratadas a seguir.

IV- Questões que aproximam o pensamento de A. Humboldt ao de Franz Boas

Antes de verificar a influência das idéias de Humboldt sobre Boas, faz-se necessário apontar algumas considerações a respeito desse último e de sua aproximação com a geografia.

Franz Boas nasceu em Minden (Westfalia), em 1858 e viveu até 1942; foi um dos fundadores da Antropologia e deixou importantes estudos nessa área. Sua formação superior inicial, porém, realizou-se na física, na matemática e na geografia, disciplinas cursadas nas universidades de Heidelberg, Bonn e Kiel. Nessa última se doutorou e implementou a maior parte de seus estudos.

Na Geografia passou pelas aulas de T. Fischer e de F. Ratzel. Desse último recebeu as idéias do determinismo geográfico, posição abandonada na sua convivência com os esquimós no Ártico, que lhe possibilitou observar o comportamento cultural desses povos. A partir do convívio com aqueles povos chega a conclusão de que eles não se submetiam de forma passiva aos caprichos do meio; pelo contrário, a cultura "*é um processo de criação orgânica e viva e não uma adaptação mecânica.*" (BOAS,1947). Ali percebeu a coexistência de culturas de padrões diferentes dentro do mesmo habitat, compreendendo que os povos apresentam respostas diferentes à ação das condições naturais, portanto rechaça a idéia de uniformidade cultural resultante do habitat. Não nega, entretanto, o meio como um agente que restringe ou orienta a cultura numa ou noutra direção, mas não concebe isso como uma generalização. (op.cit:09).

Sua carreira teve continuidade nos Estados Unidos, onde chegou no final do século XIX, lecionando em importantes universidades

daquele país, como na Clark University e Columbia University. Nessas universidades foi mestre dos principais antropólogos norte-americanos (CAPEL:1987:28).

Uma das primeiras questões, talvez a mais importante, que poderíamos aproximar Boas de Humboldt, diz respeito à prática do trabalho de campo. Vejamos a importância desse último sobre essa temática.

Humboldt foi o primeiro na Geografia a realizar um trabalho de campo sistemático, no qual propunha uma observação minuciosa dos elementos da paisagem, buscando na sua contemplação fazer a ligação do particular com o que pode ser encontrado de mais geral, ou seja, preocupando-se constantemente em deslocar-se da individualidade dos lugares ou dos fenômenos para a universalidade. Tal procedimento é percebido nestas colocações:

"(...) O naturalista, ainda o mais modesto, pode às vezes operar estas verdadeiras maravilhas, e acha, na observação de um fragmento que na aparência é uniforme, no exame de um órgão qualquer isolado, uma folha, por exemplo, cujo conhecimento lhe permite a reconstrução perfeita de todo o vegetal de que esse fragmento fazia parte. Foi este igualmente o processo seguido por Cuvier, quando, nas suas grandes investigações zoológicas, partia, por método sintético, da existência e conhecimento de um só osso de qualquer animal de organização desconhecida, para a forma completa do seu esqueleto." (HUMBOLDT,1952b:259).

Acrescenta ainda:

"A simples acumulação das observações de detalhes sem relações entre elas, sem generalização das idéias, pode conduzir sem dúvida a um preceito profundamente invertido, à persuasão de que o estudo das ciências exatas deve necessariamente frear o sentimento e diminuir os nobres prazeres da observação." (HUMBOLDT,1848a:22).

Humboldt não se contenta com o ato de observar apenas, fato que poderia leva-lo ao

empirismo, mas segue o trajeto de observar, descrever, refletir e teorizar. Portanto, um exercício de observar e abstrair constantemente.

Nesse sentido, diz que:

"A exposição de um conjunto de fatos observados e combinados entre si não exclui a pretensão de agrupar os fenômenos de acordo com sua ligação racional, nem de generalizar o que seja suscetível de generalização no conjunto das observações concretas, nem de chegar, enfim, ao descobrimento de leis. Concepções do universo fundadas unicamente na razão, nos princípios da filosofia especulativa, assinalaria, sem dúvida, à ciência do cosmos um objetivo mais elevado. (...) Ênfase a expressão abuso das forças, porque espíritos superiores entregues aos estudos filosóficos e as ciências de observação souberam preservar-se destes excessos. Os resultados obtidos por investigações sérias baseadas na experiência não podem estar em contradição com uma verdadeira filosofia da natureza. Quando tal contradição existe, o defeito está ou no vazio de especulação ou nas exageradas pretensões do empirismo, que pretende provar pela experiência mais do que a experiência é capaz de provar." (op.cit:165).

A observação, para Humboldt, seria o ponto de partida. Esta não ocorreria isoladamente, mas em conexão com a objetividade do mundo exterior. Para desenvolver a observação é preciso *"distinguir entre a disposição do observador, seu estado de espírito durante a observação, e o engrandecimento ulterior do observado que é fruto da investigação e do trabalho do pensamento."* (op.cit:20).

É necessário considerar, outrossim, um elemento que para Humboldt era essencial no exercício de observação, qual seja, o fato de que a contemplação da paisagem não poderia ocorrer de maneira fria, sem emoção. Pelo contrário, a natureza é para ser observada com os sentimentos, isto é, contemplada da forma mais prazerosa possível; para isso é preciso que

o observador deixe fluir toda a sua sensibilidade.

Nas suas palavras:

"A natureza é o reino da liberdade, e para pintar vivamente as concepções e os prazeres que sua contemplação profunda espontaneamente engendra seria preciso dar ao pensamento uma expressão livre e nobre em harmonia com a grandeza e majestade da criação."

Continua:

"Se se considerar o estudo dos fenômenos físicos, não em suas relações com as necessidades materiais da vida, senão em sua influência geral sobre os progressos intelectuais da humanidade, é o mais elevado e importante resultado desta investigação, o conhecimento da conexão que existe entre as forças da natureza e o sentimento íntimo de sua mútua dependência. A intuição destas é a que engrandece os pontos de vista e enobrece nossos prazeres. Esse alargamento de horizontes é a obra da observação, da meditação e do espírito do tempo no qual se concentram as direções todas do pensamento."(op.cit.:40).

Na passagem acima, Humboldt cita outro elemento importante no processo de observação dos fenômenos, aquele também encontrado nas discussões de Boas: *a intuição*. Questão fundamental no trabalho de qualquer pesquisador de campo.

Para Humboldt, a intuição seria desencadeada a partir do primeiro contato que o sujeito mantém com a paisagem; isto é, da simples contemplação da natureza, o investigador recebe uma carga de sensações, que quando, recorrida a sua subjetividade, consegue definir os encadeamentos do todo.

Nesse sentido, diz que:

"As impressões contêm o pressentimento da ordem e das leis, que nascem sem sabermos, do simples contato com a natureza." (op.cit:05).

E ainda:

"(...) Pelas misteriosas relações que existem entre os diferentes tipos de

organização, as formas vegetais exóticas se apresentam ao pensamento embelezadas pela imagem dos que rodearam sua origem. Assim que a afinidade de sensações conduz ao mesmo objeto a que nos leva mais tarde a laboriosa comparação dos fatos, a íntima persuasão de que uma só e indestrutível ligação encadeia a natureza inteira. A tentativa de decompor em seus diversos elementos a magia do mundo físico está cheio de temeridade, porque a grande característica de uma paisagem e de toda a cena imponente da natureza depende simultaneamente de idéias e de sentimentos que agitam ao observador. O poder da natureza se revela, por assim dizer na conexão das impressões, na unidade de emoções e de defeitos que se produzem, de um certo modo, de uma só vez.” (op.cit:08)

Outro ponto com o qual poderíamos fazer uma ponte entre o pensamento de Humboldt e o de Boas refere-se à *unicidade*, temática que provavelmente Boas tenha se inspirado nas concepções de Humboldt, pelo menos em seus fundamentos gerais: Boas trabalha esta questão a partir dos fenômenos humanos, enquanto que Humboldt a partir dos elementos da natureza (incluindo aqui também o homem), ou seja, não prioriza um único segmento que habita o espaço terrestre, mas procura estabelecer “*conexões constantes entre os fenômenos da superfície terrestre na medida em que estas conexões apontam para a unicidade da Terra e da natureza.*” (MORAES,1983:167).

Segundo o próprio HUMBOLDT (op.cit.:03): “*A natureza, considerada racionalmente, isto é, submetida em seu conjunto ao trabalho do pensamento, é a unidade na diversidade dos fenômenos, a harmonia entre as coisas criadas distintas em suas formas, em sua constituição própria, e pelas forças que as animam; é o todo penetrado por um sopro de vida. O resultado mais importante de um estudo racional da natureza é conhecer a unidade e a harmonia nessa imensa diversidade de coisas e forças.*”

Em outra passagem faz a seguinte colocação:

“Na descrição da natureza, como na crítica histórica, os fatos permanecem isolados durante muito tempo, até que se logrou a ventura, à custa de muitos esforços de os reunir em grupo, constituindo um todo.” (HUMBOLDT,1952b:35).

Foi possível detectar ainda duas outras questões que são tratadas com destaque nos universos de estudos tanto de Humboldt quanto de Boas, quais sejam: a do *método comparativo* e o da *história*. Se bem que, no que se refere ao primeiro, Boas o abandona e até o critica quando se aprofunda nos estudos antropológicos, voltando-se, a partir de então, prioritariamente aos fatores históricos e culturais dos povos. “*A função maior e mais importante do método histórico em antropologia parece pois residir na sua capacidade em descobrir os processos, que em casos definidos levam ao desenvolvimento de determinados costumes. Se a antropologia deseja estabelecer as leis que governam o crescimento da cultura, ela não deve se limitar a comparar os resultados apenas do crescimento, mas sempre que possível deve comparar os processos de crescimento, e estes podem ser descobertos por meio de estudos das culturas em pequenas áreas geográficas. Assim, vimos que o método comparativo pode ajudar a alcançar resultados pelos quais está lutando apenas quando baseia as suas investigações em resultados históricos de pesquisas que se dedicam a esclarecer as relações complexas de cada cultura individualmente.*” (CAPEL,1987:28).

O método histórico passa a ser o principal direcionador de seus estudos. Destaca, nesse sentido, que:

“O método comparativo e o método histórico, se é que posso usar estes termos, tem lutado pela supremacia ao longo do tempo. Mas podemos esperar que cada um encontre o seu lugar e função apropriados. O método histórico alcançou uma base sólida ao abandonar o princípio equivocado de pressupor conexões sempre que havia semelhanças de cultura. O método comparativo, apesar de tudo o que tem dito e escrito a seu favor, tem se demonstrado

notavelmente estéril quanto a resultados definidos; e acredito não se tornará frutífero a menos que se renuncie ao propósito vão de construir uma história sistemática uniforme da evolução da cultura, e até que se façam comparações numa base mais ampla e mais sólida como me atrevi a delinear. Até este momento temos nos divertido com fantasias mais ou menos engenhosas, o trabalho sólido ainda está a nossa espera.” (BOAS, 1896)

No que diz respeito a questão do método em Humboldt, encontram-se em vários momentos de sua obra alguns elementos que indicam que ele seguia o método comparativo. Suas formulações metodológicas, contudo, aparecem diluídas em diferentes trabalhos, demonstrando que não assumia de maneira explícita a defesa do método utilizado. Segundo MORAES (1983:174), *“Em Humboldt a comparação articula-se com a própria descrição em sua prática de pesquisa. Tal momento do trabalho não aparece, entretanto, explicitado com clareza em suas formulações metodológicas.”*

Apesar de suas comparações, na maioria das vezes, restringiram-se aos fenômenos físicos (como, por exemplo, a ocorrência de características de determinados tipos de plantas entre os diferentes lugares), pode-se verificar que, em alguns momentos, Humboldt também procura estabelecer comparações em relação aos fenômenos humanos (cita-se aqui menções aos comportamentos culturais e características físicas entre os povos de diferentes lugares e épocas).

Tal situação fica transparente quando diz que:

“Os vasos de granito adornados com graciosos labirintos, e as máscaras de terra, semelhantes as dos romanos, que se encontram entre os índios selvagens, na costa dos Mosquitos, são ainda notáveis restos dessa civilização extinta. Fiz gravar os vasos de Honduras no Atlas pitoresco que acompanha a parte histórica da minha viagem. Arqueólogos se assombraram com a manifesta analogia dessas gregas com as do palácio de Miltla, perto

de Oajaca, na Nova Espanha. Nunca vi nas esculturas do Peru, os homens de grande nariz que aparecem tão freqüentemente representados nos baixos-relevos do palenque de Guatemala, como também nas pinturas astecas. Klaproth lembrava-se de ter também encontrado esses grandes narizes entre os Gualchos, uma das tribos da Mongólia setentrional. É fato geralmente conhecido que grande número de raças indígenas, de cor acobreada, espalhadas no Canadá e no norte da América, têm grandes narizes aquilinos e distinguem-se facilmente por isso dos habitantes atuais do México, Nova Granada, Quito e Peru. É preciso, talvez, fazer descender dos usunos da Ásia central, raça composta de alanos e godos, os homens de cor branca e de grandes olhos que povoam a costa noroeste da América, entre os paralelos 54 e 58”.(op.cit.177)

No que se refere à história, é possível notar que ela ocupa um lugar de destaque nas formulações de Humboldt. Como deixa claro nessa passagem: *“A unidade que eu busco encontrar no desenvolvimento dos grandes fenômenos do universo é aquela que oferece as composições históricas.”* Diz ainda: *“A descrição da natureza está intimamente ligada à história.”* (Humboldt,1848a:36/68, respectivamente).

Para Humboldt, entretanto, o passado só faz sentido quando entendido a partir do presente. Segundo MORAES (op.cit.:173), o tempo para Humboldt *“é o da contemporaneidade, e só recua nele para melhor explicar a situação atual, assim uma visão retrospectiva.”*

Segundo o próprio HUMBOLDT, *“A lei da analogia autoriza-nos a poder julgar o passado por tudo aquilo que, temos debaixo da vista, e a mesma lei tem feito, além disso, com que as diferentes partes de um mesmo todo sejam de tal forma solidárias que jamais tem sido possível a existência de associações desarmônicas. Contudo, apesar de que a mais constante harmonia presidiu em todas as ocasiões, as diferentes manifestações da vida orgânica, os restos vegetais fósseis apresentam-se à observação constituídos em*

estados muito diversos, diversidade que se pode considerar como sendo devida à variedade de circunstâncias que determinaram sua conservação."

Em outro momento comenta:

"O geólogo não pode conceber o tempo presente sem remontar-se, guiado pelo enlace das observações, a milhares de séculos transcorridos. Ao traçar o quadro físico do globo vemos, por assim dizer, penetrar reciprocamente o passado e o presente, porque sucede no domínio das línguas, nas quais as investigações etimológicas nos fazem ver também um desenvolvimento sucessivo e nos demonstram o estado anterior de um idioma, refletido nas formas de que hoje nos valemos. (...) Estas massas trabalham sobre a imaginação do observador instruído, como trabalharia as tradições de um mundo anterior. É que a forma das rochas é a sua história." (HUMBOLDT, 1848b:69).

Apesar do viés de interpretação da história partir, quase sempre, dos elementos da natureza, percebe-se em Humboldt uma certa preocupação em recorrer aos processos históricos para explicar manifestações do presente e nisso incluiria também comportamentos da vida humana.

V- Considerações Finais

Podemos concluir, portanto, que Humboldt foi um daqueles estudiosos cuja importância ultrapassa os domínios de sua época e da sociedade em que viveu. Suas concepções progressistas que se esboçavam a respeito das contradições de um mundo pautado na exploração da metrópole sobre as

terras coloniais ou dos senhores sobre seus escravos apontam para um pensador com grande sensibilidade social, um legado que é digno de registro. É para ciência, todavia, que Humboldt deixa sua maior contribuição, na medida em que seus estudos, referentes aos mais variados fenômenos, físicos e humanos, serviram de base para o desenvolvimento de diversos ramos do conhecimento científico. Na Geografia desempenhou um papel decisivo para a condução de uma disciplina que se propunha a se firmar enquanto ciência. Suas concepções modernas no que se refere a interpretações dos fenômenos observados, mas também por propor formulações objetivando a construção de uma metodologia de trabalho de campo constitui, sem dúvida, um marco no crescimento dessa disciplina.

As pesquisas realizadas por Humboldt tiveram ressonância em diversas ramificações do conhecimento. Da mesma maneira que ocorreu com a geografia, outras áreas ganharão, mais tarde, também o status de ciência. Essa influência é estendida a vários pensadores cujos procedimentos de investigação propostos por Humboldt serão adotados, cita-se aqui Franz Boas. Há evidências nos estudos de tal antropólogo demonstrando que ele foi influenciado por certas formulações humboldtianas, que não se reserva apenas ao do empirismo puro e simples dos elementos da natureza, mas de postura metodológica, no nível filosófico. É certo, porém, que o entusiasmo de Humboldt pelo trabalho de campo possivelmente foi um estimulador para que Boas fosse ao Ártico observar os Esquimós. É de lá que nasce a orientação para as suas primeiras formulações do que viria a ser a ciência antropológica.

Notas

¹ Citação retirada de ORTIZ, F. (Introdução). In: HUMBOLDT, A. – Ensayo Político sobre la Isla de Cuba, pp.12.

² Citações retiradas de ORTIZ, F. – op.cit.,pp.58.

³ Op.cit.,pp.60.

⁴ Citação retirada de ORTIZ, F. – op.cit.,pp.50.

⁵ Citação retirada de MORAES, A.C.R. – op.cit.pp.138.

⁶ Naturalista francês que acompanhou Humboldt durante toda a viagem pelo continente americano.

Bibliografia

- BOAS, Franz – *The Study of Geography*. In: *Mind of the Primitive Man*. The Mac Millan Company. New York, 1938.
- – *Questões Fundamentais de Antropologia Cultural*. Buenos Aires, Lautaro, 1947.
- CAPEL, Horácio – *Geografia Humana y Ciencias Sociales: Una Perspectiva Histórica*. Barcelona, Edición Propiedad de Montesinos Editor, S.A, 1987.
- DRESCH, Jean – *Reflexões sobre a Geografia*. São Paulo, AGB, 1981.
- HUMBOLDT, Alexander von – *Cosmos*, vols.I(a),II(b),III(c),IV(d). Paris, Gide et J. Baudry, 1848.
- – *Quadros da Natureza*, vols. I(a), II(b). Rio de Janeiro, Jackson, 1952.
- – *Ensayo Político sobre la Isla de Cuba*. Havana, Archivo Nacional de Cuba, 1960.
- – *Cartas Americanas*. Caracas, Biblioteca Ajacucho, 1980.
- – *Viaje a las Regiones Equinocciales Del Nuevo Continente*. Caracas, Monte Avila Editores, 1985.
- Mendonza, J.G.; JIMÉNEZ, J.M. & CANTERO, N.O. – *El Pensamiento Geográfico: Estudio Interpretativo y Antología de Textos (de Humboldt a las Tendencias Radicales)*. Madrid, Alianza Editorial, S.A, 1982.
- MORAES, Antonio Carlos R. – *Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico: Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1983.
- – *Geografia: Uma Pequena História Crítica*. São Paulo, Hucitec, 1981.
- MOREIRA, Rui – *O que é Geografia*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- ORTIZ, Fernando – “Introdução”. In: HUMBOLDT, A. – *Ensayo Político Sobre la Isla de Cuba*. Havana, Archivo Nacional de Cuba, 1960.
- QUAINI, Máximo – *A Construção da Geografia Humana*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- RAJA-GABAGLIA, F. – “Prefácio”. In: HUMBOLDT, A. – *Quadros da Natureza*. Rio de Janeiro, Jackson, 1952.
- SODRÉ, Nelson W. – *Introdução à Geografia*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- STOCKING Jr. George W. – *Race, Culture and Evolution. Essays in the History of Antropology*.

Trabalho enviado em junho de 2005

Trabalho aceito em julho de 2005



